

(Artigo publicado nas Atas do I Encontro de Arqueologia de Mogadouro, pp 51-78, editadas no ano de 2014 pelo Município de Mogadouro)

Projeto de investigação e valorização do Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos, Mogadouro): ponto de situação

*António Pereira Dinis **

*Emanuel C. Gonçalves ***

Resumo: Patrocinado pela Câmara Municipal de Mogadouro, arrancou em 2011 um projeto dedicado ao estudo monográfico, divulgação científica e valorização do Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos, de forma a viabilizar o seu usufruto colectivo.

Os trabalhos arqueológicos já realizados neste importante povoado fortificado, implantado num esporão sobranceiro ao Douro internacional, para além de revelarem um complexo sistema defensivo, datado da Idade do Ferro, constituído por uma imponente muralha e torreão, pétreos, reforçados por um fosso e um amplo campo de pedras fincadas, puseram a descoberto uma entrada em corredor e significativas reformulações arquitectónicas as quais, em associação com a estratigrafia revelada e os materiais exumados, indiciam um longo período de ocupação, balizado entre a Idade do Ferro e o período medieval.

Abstract: Sponsored by the Municipality of Mogadouro, started in 2011 a project devoted to monographic study, scientific dissemination and exploitation of the Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos.

The archaeological work carried out in this important hillfort, located on a spur overlooking the Douro international, revealing an iron age complex defensive system, with stony wall and turret, reinforced by a ditch and a wide field of “chevaux-de-frises”, one of the entries in the village and significant architectural reformulations which, in association with the stratigraphy revealed and materials exhumed, suggest a long occupation period, marked the Iron Age to the medieval period.

Palavras chave: Nordeste de Portugal; Mogadouro; Vale do Douro, Povoado fortificado; Idade do Ferro

Key words: Northeast of Portugal; Mogadouro; Douro valley; Hillfort; Iron Age

* Investigador do CITCEM/UM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço & Memória / Universidade do Minho). Coordenador do projeto Estudo e Valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal).

** Arqueólogo do Município de Mogadouro.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2010, a Câmara Municipal de Mogadouro convidou um dos signatários (A.P.D.) para desenhar um projeto de salvaguarda e valorização destinado ao Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos. A pretensão, para além de dar voz ao empenho da Junta de Freguesia local, quanto à recuperação do seu *ex-libris* arqueológico, corporizava a política da autarquia de promoção dos valores patrimoniais, no sentido de captar o interesse dos visitantes, potenciando o turismo e contribuindo para o desenvolvimento económico concelhio.

Decorridas algumas reuniões e visitas ao sítio arqueológico, no mês de março de 2011 foi apresentada a versão final do projeto ao executivo municipal, tendo merecido a aprovação, por unanimidade, na reunião camarária de 10 de maio¹, seguindo-se o envio para o IGESPAR, para aprovação superior e integração no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, cumprindo-se os requisitos obrigatórios para a implementação do plano de ação.

Antecedendo o arranque dos trabalhos, no dia 10 de julho, no salão da Junta de Freguesia de Vilarinho dos Galegos, foi apresentado publicamente o projeto. O evento contou com a presença dos responsáveis autárquicos e outras autoridades concelhias e teve a participação maciça da população local, terminando com uma grande confraternização reveladora da aceitação e do apoio ao projeto.

Em traços gerais, o projeto denominado “Estudo e valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal)”, assumido como a Fase I de intervenção na estação arqueológica, estruturou-se à volta de 3 eixos de ação – o estudo, a divulgação e a valorização, adoptou um cariz multidisciplinar, integrando diversas valências de estudo consideradas essenciais para a compreensão do sítio,

¹ - Ata nº 10/11, fl. 158.

cooptou especialistas de várias instituições, portuguesas e estrangeiras² e definiu um espaço temporal de quatro anos³ para a sua execução.

Entretanto, o Município de Mogadouro estabeleceu um protocolo com a Universidade do Minho, através do qual garantiu a participação de 10 alunos da Licenciatura em Arqueologia daquela Universidade, os quais passaram a realizar o seu estágio curricular nas escavações arqueológicas programadas anualmente⁴.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL

O Castelo dos Mouros localiza-se no planalto mirandês, junto ao rio Douro, no Nordeste de Portugal (Fig. 1). Administrativamente, pertence ao distrito de Bragança, concelho de Mogadouro, união das freguesias de Vilarinho dos Galegos e Ventuzelo.



Fig. 1– Localização da estação na P. Ibérica e no Norte de Portugal



Fig. 2– Vista da escarpa do Castelo dos Mouros (Foto tomada de Aldeadávila de la Ribera)

-
- ² - Além dos signatários, de António Paulo Gomes de Amaral (DRCN) e de Francisco Manuel Reimão Queiroga (Universidade Fernando Pessoa), participam no projeto, nas seguintes especialidades: Antracologia (Ernestina Badal García e Yolanda Carrión Marco, da Universitat de València); Arqueozoologia (João Luís Serrão da Cunha Cardoso, da Universidade Aberta); Conservação (Maria Isabel da Cunha Silva, do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa); Epigrafia (Armando José Mariano Redentor, do Instituto de Conservação da Natureza); Paleocarpologia (Isabel Maria de Almeida Carvalho da Rocha Figueiral, do Centre de Bio-Archéologie et de Ecologie da Universidade de Montpellier II) e Paleometalurgia (Fernando António Portela de Sousa Castro, da Universidade do Minho).
- ³ - No final de 2011, a autarquia manifestou a intenção de encurtar para 3 anos o projeto. Sem alterar os objetivos então desenhados, distribuíram-se por 2012 e 2013 as ações previstas para 2014. Este ajustamento obrigou ao reforço da percentagem de tempo anual dedicado ao projeto.
- ⁴ - Nas campanhas de escavação realizadas em 2011 e 2012 participaram os seguintes alunos da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho: Eduardo Ferreira, Luís Couto e Pedro Sousa (1º ano); Ana Fonseca, Arnaldo Teixeira, Bruno Vidrigo, Diogo Oliveira, José Fernandes, Liliana Fernandes, Patrícia Rebelo, Patrícia Sousa, Rita Rodrigues, Sara Silva e Tânia Rodrigues (2º ano); Ana Melo, Ana Torres, Madalena Rodrigues e Rui Silva (3º ano).

Segundo a Carta Militar de Portugal (escala 1:25 000), folha 120 (Fig. 3), tem as seguintes coordenadas geográficas:

Latitude: 41° 15' 13" N

Longitude: 6° 43' 54" W (meridiano internacional)

Altitude: 600 metros

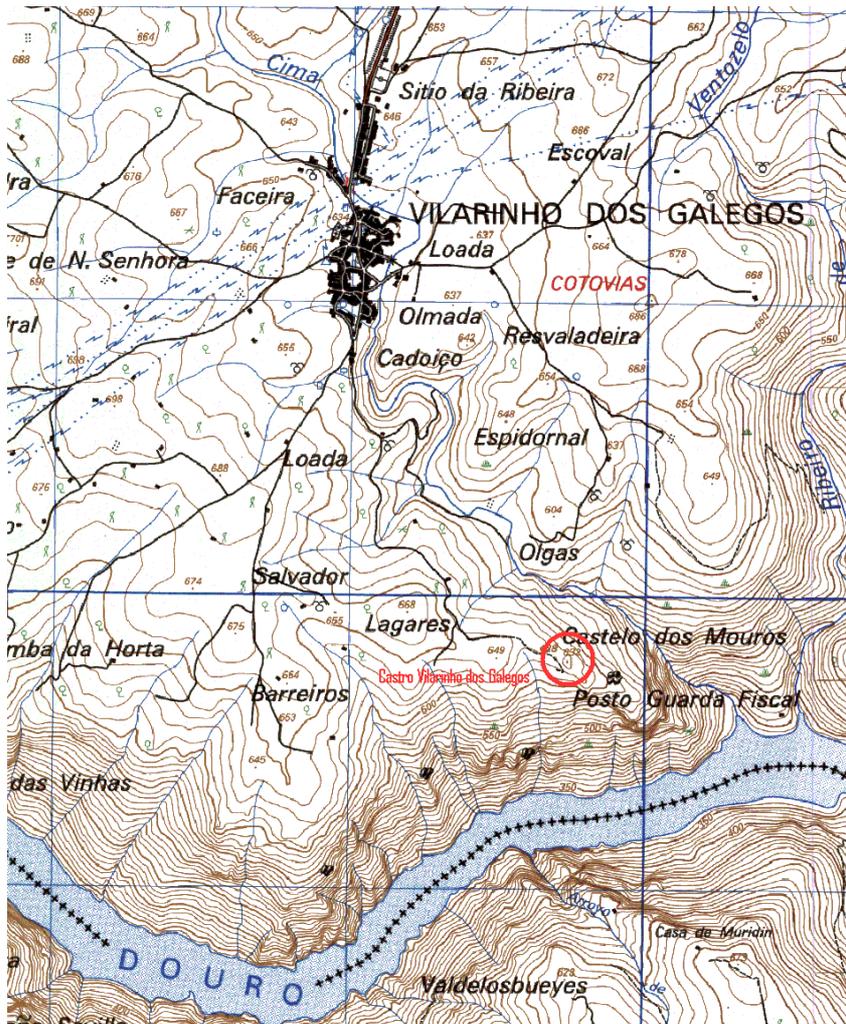


Fig. 3- Localização do Castelo dos Mouros, na CMP, escala 1:25 000, fl. 120

O acesso automóvel faz-se a partir da aldeia de Vilarinho dos Galegos, por um estradão de terra batida que segue para Sul, na direção do rio Douro, atravessando campos agricultados de vinha e olival.

A estação arqueológica, também designada, localmente, por Castelinho, Castelos da Mourama⁵ ou Castro de Vilarinho dos Galegos, ocupa uma pequena elevação, que se distingue na vertente Este de um relevo, em esporão, na confluência da ribeira de Vilarinho com o rio Douro. O local, completamente antropizado, conserva alguns zimbros, carrascos e abrunheiros bravos, reminiscência do primitivo coberto vegetal, principalmente na encosta Norte voltada à ribeira de Vilarinho.

O clima é seco, com invernos frios e prolongados e verões curtos, muito quentes. As chuvas e neves ocorrem nos meses de Outono e Inverno, fazendo brotar a água, durante a Primavera, em algumas nascentes localizadas nas proximidades ou mesmo no interior do castro, em anos mais chuvosos.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, fl. 2, na escala 1:200 000, o substrato rochoso integra a denominada Formação da Desejosa, caracterizada pela alternância de filitos com metagrauvaques e metaquartzograuvaques, às vezes carbonatados, que se desenvolve tendencialmente no sentido NE-SO. No interior da estação arqueológica afloram formações graníticas, xistosas e quartzíticas, atestando a complexidade geológica do local e indiciando que o abastecimento da matéria-prima que encontramos nas estruturas pétreas terá ocorrido no próprio sítio.

Jazigos minerais ocorrem nesta área, particularmente estanho, chumbo e prata, havendo referência à extração de uma mina de chumbo com concentrações de prata, em 1816, no perímetro de Ventuzelo (SILVA 1817, 78-79), a menos de 5km.

3. A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA: SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA EM 2010

O Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos implanta-se na arriba do Douro, numa situação vantajosa de defesa em três quartos do seu perímetro, proporcionada pelas encostas rochosas muito abruptas (Fig. 2). No lado acessível, o poente, a vulnerabilidade do sítio foi colmatada com a construção de um complexo sistema defensivo, em forma de meia lua, composto por pedras fincadas, fosso, torreão e muralha (Fig. 4).

⁵ - Designação registada em 2013, conforme a informação de uma octogenária, moradora em Vila dos Sinos, proprietária de terrenos próximos do Castelo dos Mouros. Chamou ao castro "os Castelos da Mourama", nome que sempre ouvira aos pais e avós e disse que os antigos contavam que "na manhã de S. João, nos Castelos da Mourama, se ouvia o ruído de um tear a trabalhar".

Não obstante ter sido seriamente perturbado pelo saque de pedra⁶, construção de muros para utilização agro-pastoril⁷ e por escavações clandestinas⁸ o sítio arqueológico reteve parte da imponência das suas estruturas defensivas (Fig. 5) as quais denotam características também patentes noutras estações da metade oriental de Trás-os-Montes (REDENTOR 2003, 140). Foi a grandiosidade das ruínas arqueológicas, aliada à majestade da paisagem das arribas do Douro que determinou a escolha deste sítio para integrar o projeto “Rede” de Castros e Verracos célticos: “a rota dos Castros e Verracos na fronteira hispano-portuguesa: arqueoturismo celta em Ávila, Salamanca, Trás-os-Montes, e Tâmega”. No âmbito deste projeto, foram colocados painéis informativos de apoio aos visitantes e foi realizado o levantamento topográfico do sítio, assinalando-se as evidências arqueológicas, então reconhecíveis, que descrevemos.

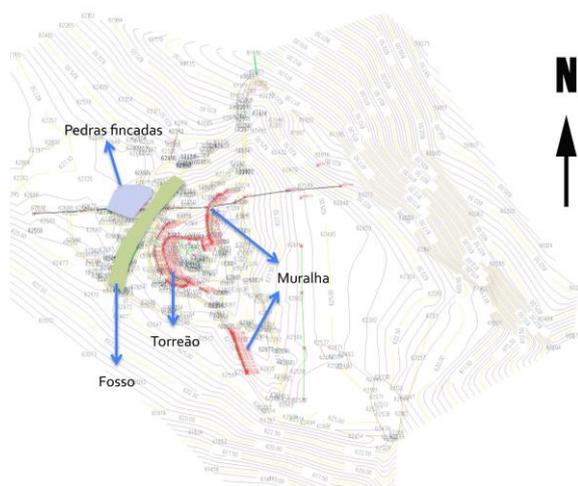


Fig. 4– Planta topográfica com implantação do sistema defensivo



Fig. 5– O Castelo dos Mouros (em primeiro plano, o campo de pedras fncadas; no topo o torreão)

- ⁶ - A acessibilidade ao local permitida pelo estradão e a quantidade de pedra faceada existente nos paramentos da muralha e torreão motivaram o saque de pedra ao longo de séculos. É visível em socalcos e muros de divisória de propriedade, tanto no interior como na envolvente próxima do sítio arqueológico, a reutilização de pedra proveniente do castro.
- ⁷ - Até há pouco tempo, no Castelo dos Mouros cultivou-se trigo, acomodaram-se rebanhos e plantaram-se videiras e oliveiras nos socalcos construídos com a pedra das estruturas arqueológicas.
- ⁸ - Saltam à vista no local crateras de escavações clandestinas, efectuadas para encontrar tesouros fabulosos que a memória colectiva celebrizou. O Abade de Baçal mencionou que no Castelo dos Mouros, há alguns anos atrás, “um desconhecido ali trabalhou semanas a fio, revolvendo o terreno de ponta a ponta e arrasando as muralhas na sua quase totalidade” (ALVES 1934, 666). A existência de narrativas sobre a ocorrência de tesouros no local sempre ocupou o imaginário da população. Uma das lendas diz que “ho Castelo dos Mouros está uma moura encantada, que na manhã de São João espanja ao sol a capa de D. Feliz, que foi governador do Castelo, recamada de campainhas de ouro e prata” (ALVES 1938, 293). Outra lenda afirma que no Castelo dos Mouros “estão encantados um mouro e uma moura” e que os tesouros existentes são enormes “teares de ouro, baús e malas atestadinhos de moedas de ouro, barras de ouro e prata, aos montes”. (PERAFITA 2006, 287).

A chegada ao Castelo dos Mouros esbarra com um caos de pedras fincadas, corporizado num espaço amplo preenchido exclusivamente por blocos de quartzo branco, de média e grande dimensão. A escolha de tal matéria-prima terá sido motivada pelas arestas cortantes desta pedra e pelos reflexos intensos que os raios solares emitem, facto que deveria ser significativo à época. A extensão primitiva deste obstáculo defensivo foi reduzida, em cerca de metade, pela construção de um pequeno abrigo de pastor, de planta tendencialmente rectangular, com menos de 4m² e um cercado, configurando um triângulo, com mais de 45m de perímetro, que terá servido de redil para os rebanhos de ovelhas e cabras. Estas estruturas incorporaram blocos de granito e de quartzo, de grandes dimensões, muitos deles reutilização das pedras fincadas que se erguiam no sítio que ocuparam.

Imediatamente a seguir àquela barreira pétrea surge o fosso, talhado no afloramento granítico de grão grosseiro, reconhecível por um espaço longitudinal superior a 25m e com uma largura média de cerca de 4m. O limite nascente foi parcialmente ocultado por um possante muro de socalco e o valado foi entulhado com pedras e terra, sendo sido construídos dois muros de contenção, dispostos transversalmente, os quais escalonaram dois socalcos, aproveitados para o cultivo da oliveira.

A morfologia do torreão e da muralha era indiciada pela topografia e a grandiosidade dos seus muros podia avaliar-se pelo volume de pedra derrubada. O torreão, configurando planta tendencialmente circular, mostrava, no lado Norte, uma grande pendente, sugerindo que a estrutura ainda deveria conservar uma altura considerável. Quanto à muralha, reconhecia-se a sua orientação genérica SSE-NNO, com inflexão para nascente, no limite Norte, formando uma secção arredondada. No lado Sul, devido ao caminho de acesso aos tratores e devido aos socalcos entretanto construídos, a muralha apresentava-se seccionada, não sendo visível qualquer curvatura para rematar nos grandes penhascos que marcam este lado. A espessura dos derrubes e o aparelho visível num pequeno troço fazia adivinhar uma construção possante e de feitura cuidada, com pedras de tamanho médio, com existência de talhe e alguma preocupação na sua disposição, denotando tendência pela horizontalidade, com ligeira inclinação para o interior.

Ultrapassado o complexo defensivo abre-se uma plataforma aplanada, de configuração subcircular, marcada a Norte por uma parede rochosa, quase vertical e, pelo Sul, por socalcos plantados com oliveiras. No lado nascente a pendente surge menos pronunciada, tendo sido aproveitada para traçar o caminho, em ziguezague,

que conduz à ribeira de Vilarinho e ao rio Douro. Esta plataforma, agricultada até há pouco tempo, conservou algumas oliveiras, assim como amontoados de pedras recolhidas pelos agricultores durante as lavras. É neste quadrante que se ergue a Fraga do Calço, imponente geoforma associada pelo Abade de Baçal a atos de culto religioso (ALVES 1938, 292-293), e motivo de atração por ser poiso dos grifos que em bandos volteiam pelo local.

4. O ESTUDO MONOGRÁFICO DO CASTELO DOS MOUROS

4.1. Pressupostos e objectivos

Ao contrário do Noroeste do país, onde abundam os estudos do povoamento da Idade do Ferro, sustentados por intervenções arqueológicas quantitativamente relevantes, no leste transmontano não têm sido desenvolvidos projetos de investigação, particularmente centrados na análise monográfica de sítios proto-históricos. Assim, o discurso corrente sobre a ocupação do território nordestino, anterior à ocupação romana, tem-se baseado, essencialmente, em comparações e aproximações a realidades detectadas em regiões confinantes, nomeadamente nas províncias espanholas de Zamora e de Salamanca, destacando-se neste contexto os trabalhos de Angel Esparza Arroyo (ESPARZA 1987).

Considerando a grande variabilidade que caracteriza os sítios pré e proto-históricos e tendo em conta a ausência de dados substantivos sobre a ocupação do Castelo dos Mouros, impôs-se como ação prioritária do projeto o desenvolvimento de escavações arqueológicas, cientificamente conduzidas, com a finalidade de se responder às várias problemáticas levantadas, tornando assim viável a construção do retrato físico do sítio (supostamente um povoado com ampla diacronia) e de uma narrativa, consistente, da vida das populações que o ocuparam antes e durante o processo de romanização.

As escavações arqueológicas foram planeadas para a obtenção de resultados sobre aspectos considerados básicos à compreensão da dinâmica do sítio, concretamente as particularidades arquitectónicas e a componente paleoeconómica do povoado. Como já foi referido, embora o sítio mostrasse grande perturbação antrópica, particularmente visível na implantação de socalcos em cujos

muros havia sido utilizada a pedra das arquiteturas defensivas, os indícios entretanto reconhecidos faziam antever a presença de um sistema de defesa complexo e de grande monumentalidade. Mais problemática parecia ser a caracterização das estruturas domésticas, que admitíamos existirem na plataforma interior, não obstante a ausência de derrubes significativos na área, o que poderia significar tanto o desmantelamento das mesmas como a existência de tipologias de construção em materiais perecíveis, ou ambas as situações.

A realização de sondagens arqueológicas no perímetro defensivo e na área habitacional, além de permitir a caracterização das arquiteturas deveria, também, contribuir para a definição do quadro económico que sustentava a vida do sítio. A avaliação então feita, a partir das materialidades observadas, particularmente as obras defensivas, reconhecia um grande investimento humano e material, só compatível com a existência de capacidade organizativa a par de suficiente disponibilidade económica. Tais pressupostos acartavam, obviamente, um conjunto de questões quanto à origem e amplitude da abastança do sítio. Seria a agricultura cerealífera a responsável pela riqueza do local? Ou seria o comércio a alavancar a prosperidade do Castelo dos Mouros? E a metalurgia, que relevância teria tido?

Chegados a este ponto, aconselhava-nos a prudência, sustentada pela experiência, a não excluir nenhuma possibilidade e a encarar a contingência de não ter sido um mas alguns ou todos aqueles factores e/ou, provavelmente, outros a responder pela situação que problematizávamos, tanto mais que se impunha ver o sítio como uma realidade mutável, aceitando-se uma longa diacronia de ocupação para o local.

Também a caracterização paleoeconómica do Castelo dos Mouros foi assumida como um dos objectivos a atingir. Este propósito direccionou o trabalho para a adequada valorização dos artefactos, dos ecofactos e das evidências de atividades artesanais determinando, para além de uma metodologia de escavação que atribuiu especial prioridade à recolha sistemática de sedimentos, a inclusão na equipa de especialistas em antracologia, paleocarpologia, paleometalurgia e paleozoologia.

Um último objectivo ditou a apreensão do local em função da sua envolvente, tornando-se decisivo analisar o planalto e as vertentes do promontório onde a estação se implantou, assim como estudar a rede de povoamento do vale do Alto Douro. A abordagem da envolvente ao sítio arqueológico intentou perceber a interação no território, entendido como habitat, numa linha de trabalho que procurava elencar aspectos de natureza simbólica para além da matriz

paleoeconómica ou dos perfis geoestratégicos. Esta vertente do projeto foi considerada de particular interesse pela necessidade de clarificar as funcionalidades do Castelo dos Mouros no seio do espaço onde se integra, isto é a área marginal ao rio Douro, admitindo-se que o sítio não teria sido um mero povoado mas poderia ter tido um papel de relevo no conjunto dos *loci* que pontuam o território e que manifestam uma ocupação sincrónica.

4.2. Ações e resultados

As ações levadas a cabo no âmbito do projeto compreenderam trabalhos de prospecção, levantamento fotogramétrico de muros de construção moderna e/ou contemporânea e realização de sondagens arqueológicas. Apresentam-se de forma sintética os resultados mais importantes das diferentes ações concretizadas.

4.2.1. Trabalhos de prospecção

Os trabalhos de prospecção desenvolveram-se no sítio (analisando-se quase milimetricamente a área ocupada por estruturas e derrubes, sendo dada particular ênfase aos alinhamentos de pedras e aos paramentos e alicerces dos muros dos socalcos, na convicção de que eles pudessem revelar reutilizações de construções primitivas), na envolvente mais próxima do assentamento arqueológico (especialmente nas vertentes dos quadrantes E-NE e E-SE, para onde se presumia que o povoado se pudesse ter desenvolvido) e no termo de Vilarinho dos Galegos (observando os alçados das casas e dos muros dos quintais, esperando registar epígrafes ou elementos pétreos reaproveitados, questionando a população local e recolhendo informações de interesse arqueológico).

As prospecções realizadas no sítio saldaram-se pelo reconhecimento de alinhamentos da muralha, do torreão e de um anel de reforço deste, reutilizado como muro de socalco. Na envolvente não se detectaram estruturas mas recolheram-se materiais cerâmicos e escórias reforçando a convicção da área de ocupação ser muito maior, desenvolvendo-se para as plataformas existentes na vertente Este.

As informações recolhidas em Vilarinho dos Galegos conduziram-nos aos sítios do Lombo Antigo e do Barreiro⁹ e à igreja matriz, onde identificámos uma laje granítica, integrada no pavimento da capela-mor, gravada com oito dezenas de covinhas simples, circulares, com diâmetros e profundidades variáveis e cinco conjuntos de covinha e círculo, simples, concêntrico, numa gramática estilisticamente inserida na arte atlântica.

Embora estas gravuras não se possam articular culturalmente com o Castelo dos Mouros, fica o registo do achado e a disponibilização de mais um dado para a caracterização da ocupação pré-histórica nesta área do planalto.



Fig. 6– Decalque das gravuras da laje da Igreja Matriz de Vilarinho dos Galegos

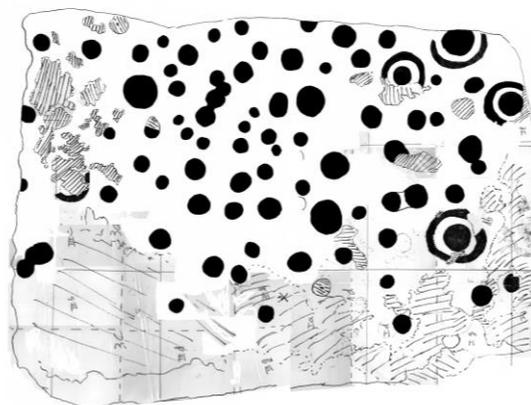


Fig. 7– Composição gravada na laje

Ainda em Vilarinho tomamos conhecimento e registámos o achado de um berrão de granito, aparecido recentemente, na parede de uma casa da aldeia de Vila dos Sinos. O aparecimento deste exemplar de berrão, que vem juntar-se a um outro, atualmente exposto em frente da capela daquela localidade, reforça a convicção de ter havido no termo da aldeia um assentamento importante, no contexto do processo de aculturação das populações indígenas ao estilo de vida romano.

⁹ - Estes dois sítios poderão ser contemporâneos e estar inter-relacionados. No primeiro registámos uma grande área de dispersão de material cerâmico e escórias, o que parece indiciar ter sido um espaço de habitação; o segundo, com derrubes de pedra e uma sepultura escavada na rocha, poderá ter funcionado como local de culto e necrópole.



Fig. 8– Berrão 2 de Vila dos Sinos



Fig. 9– Berrão 1 de Vila dos Sinos

Desconhecendo-se na freguesia outros sítios cronologicamente integráveis na Idade do Ferro, para além do Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos, ganha propriedade a relação com o sítio de Bordalém, pese o facto da ausência de estruturas defensivas e das recolhas superficiais apenas terem fornecido espólio de filiação romana (LEMOS , 326-327). As escavações recentes em Crestelos têm abalado os estereótipos ao demonstrarem que o espaço fortificado, estando o povoado da Idade do Ferro em situação aberta, onde não havia qualquer indício superficial. (Sérgio; Sastre)

O contacto com as populações locais, assumindo-se como um meio de informação privilegiado, traduziu-se, também, na recuperação da informação de um importante achado, ocorrido há cerca de 60 anos, no sítio denominado Lombo do Ouro, da povoação de Saldanha, da freguesia homónima. Trata-se de uma peça, em mármore, com forma subcircular, parcialmente fracturada num dos lados, gravada numa das faces. A parte gravada insere-se num círculo perfeito, polido e parcialmente rebaixado, sendo a decoração constituída por dois conjuntos de dois círculos concêntricos. O conjunto que se encontra mais perto do centro, tem o espaço entre os dois círculos preenchido com decoração em espinha, formando um género de grinalda e o interior preenchido com um crismón, sendo perceptíveis um alfa e um ómega, minúsculos. A pedra, foi encontrada na lavra dos campos, onde aparecem, com frequência, pedaços de telha, ficando ocultada, durante décadas, a servir de tampa de um pio de lagar de vinho, na aldeia referida. Aproveitando as facilidades concedidas pelo seu proprietário, procedeu-se ao registo fotográfico da peça e ao decalque das gravuras,

durante a noite, tendo-se utilizado um foco de luz rasante para melhor percepção dos sulcos pouco perceptíveis.



Fig. 10– Pormenor

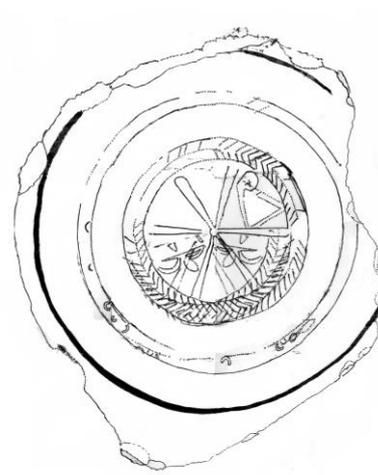


Fig. 11– Composição gravada na laje

4.2.2. Levantamento fotogramétrico de muros

A existência de dezoito estruturas de socalco e de divisão de propriedade, construídas na Época Contemporânea (Fig. 6), espalhadas por toda a área do castro e sobrepondo-se, algumas delas, a estruturas antigas, obrigaram ao registo dos seus paramentos externos como ação prévia ao seu eventual desmonte, no caso de ser necessária a escavação dessa área. O levantamento por fotogrametria foi o método escolhido para tal registo, tendo o trabalho incidido numa extensão superior a 250m lineares com uma altura média de 1,5m¹⁰.

A fotogrametria é um método de levantamento baseado na observação do mesmo ponto de dois ou três ângulos diferentes, possibilitando a reconstituição de uma imagem espacial a partir de imagens bidimensionais. Com o auxílio de um sistema informático próprio, torna-se possível, a partir de pares de fotografias convergentes, posicionadas no espaço através da tomada de pontos coordenados, a reconstituição dos paramentos das estruturas. A referenciação exata das áreas fotografadas é conseguida através da determinação das coordenadas xyz de alguns pontos, pelos processos topográficos correntes. As fotografias das partes, cujo levantamento se pretende realizar, são feitas com o recurso a uma câmara fotográfica devidamente

¹⁰ - Este trabalho foi realizado por José Ribeiro, com a colaboração de A. Mário Dinis, Paulo Ferreira e, ao serviço da empresa Perennia Monumenta.

calibrada, que com a ajuda de pontos devidamente estabelecidos nos alçados das estruturas, são efectuadas de forma a possuírem três pontos em comum entre cada uma delas. Estes pontos são coordenados por meio de uma estação total para a obtenção do xyz de qualquer ponto marcado no alçado, com a colocação da respectiva marca no local. A reconstituição é feita posteriormente em gabinete, utilizando um computador dotado de *software* apropriado. Este método permite restituir em “AutoCAD” desenhos e alçados das fachadas (Fig. 7), digitalizando as informações contidas nas fotografias, para consulta e tratamento posterior.

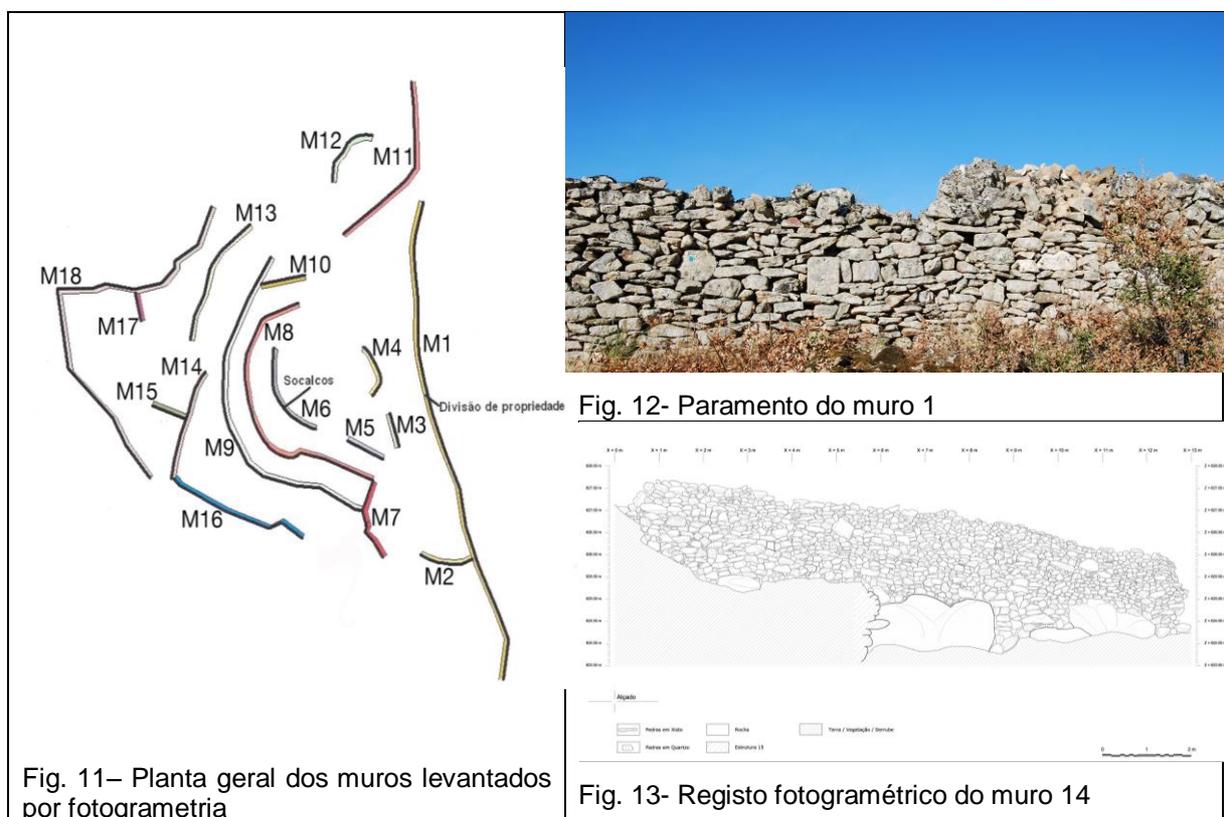


Fig. 11– Planta geral dos muros levantados por fotogrametria

Fig. 12- Paramento do muro 1

Fig. 13- Registro fotogramétrico do muro 14

4.2.3. Escavações arqueológicas¹¹

As escavações arqueológicas compreenderam, até abril de 2013, 13 sondagens, distribuídas pelo campo de pedras fincadas (S1 e S2), fosso (S3), muralha - lado sul (S4 e S10) e lado norte (S12 e S13), torreão (S9 e S11), torre (S5) e área interna do povoado (S6, S7 e S8) (Fig. 8).

¹¹- As escavações tiveram a participação dos arqueólogos Diana Marques, Eduardo Janeiro, Elisabete Ribeiro, José Ribeiro, Lília Freitas, Luís Silva e Rui Barbosa, além dos alunos da Universidade do Minho já referenciados.

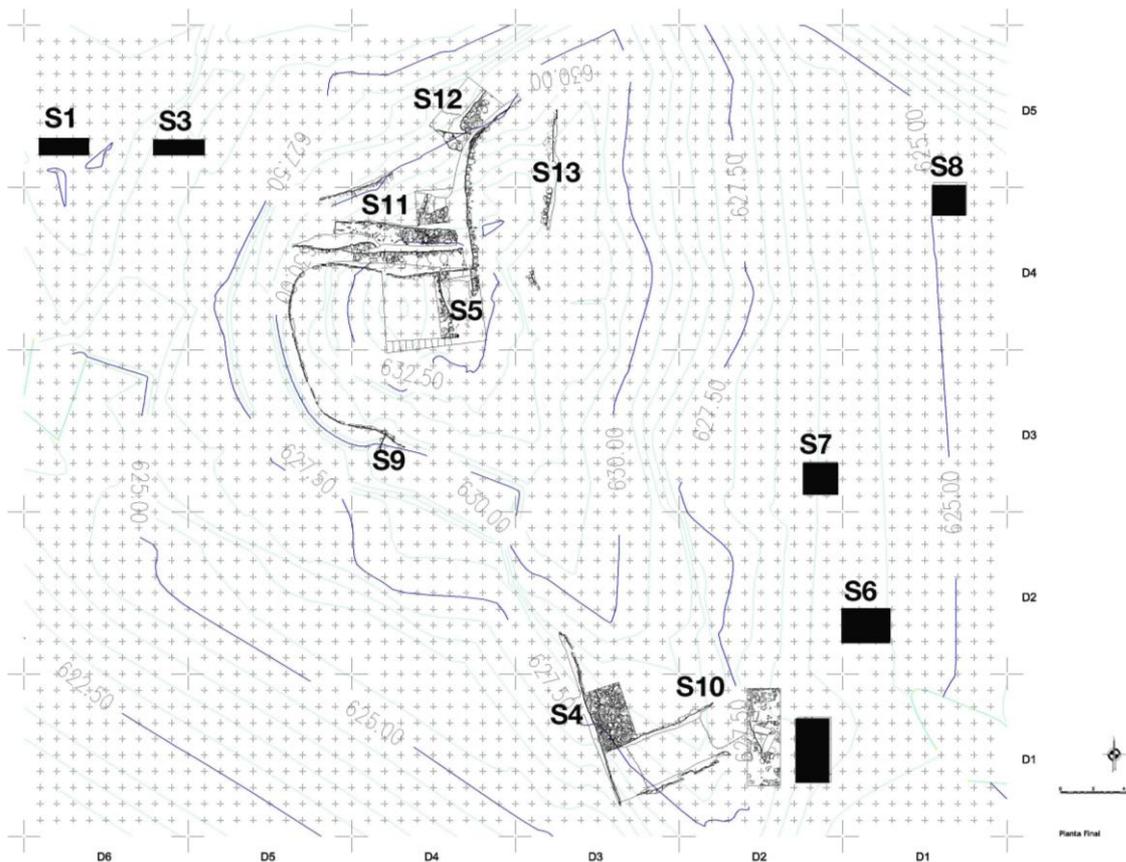


Fig. 8— Plano geral das sondagens arqueológicas realizadas até abril de 2013

- Campo de pedras fincadas e fosso

A intervenção no campo de pedras fincadas compreendeu duas sondagens, implantadas nos limites sudeste e noroeste. Pretendia-se descobrir a forma como as pedras foram colocadas no terreno e comprovar se teria havido alguma reutilização do espaço definido entre si. A escavação mostrou uma potência estratigráfica reduzida, sem qualquer espólio e apenas pequenas depressões para sustentação dos blocos de pedra.

A escavação no fosso compreendeu uma única sondagem, implantada no seu limite Norte, do lado poente, tendo revelado dois níveis de enchimento e algum espólio de construção, de filiação romana.

- Muralha

Implantada sobre o afloramento rochoso, a muralha utiliza o granito, quase exclusivamente, como matéria-prima, sendo residual o recurso ao xisto e ao quartzo. Com orientação sul-norte e uma extensão de cerca de 46,50m, apresenta tendência rectilínea, encurvando ligeiramente nos extremos, formando uma espécie de

segmento de círculo bastante aberto, adaptando-se à topografia do terreno. Tal inflexão foi identificada no lado Norte mas, no lado Sul, devido à perturbação provocada pela abertura de um estradão e organização de socacos, não foi possível, ainda, fazer a sua comprovação.

A face exterior é composta por pedras de tamanho médio, com existência de talhe e algum cuidado na sua disposição. O muro, com inclinação para o interior, possui aparelho irregular, todavia denotando preocupação pela horizontalidade.

Não obstante o saque de pedra, particularmente intenso no sector Sul, a altura máxima aqui identificada ronda, ainda, os 3m e no sector Norte atinge os 5.20m, o que dá à muralha do Castelo dos Mouros um aspecto monumental. No sector intermédio, a estrutura parece revelar maior destruição devido à tensão provocada pelos muros de divisória e amontoados de pedra existentes no seu enchimento.

A vulnerabilidade da estrutura, resultante da curvatura nas extremidades, pela concentração de maior tensão nesta zona, foi contrariada com a construção de contrafortes. No lado Norte escavou-se um muro com mais de 2,5m de altura e características semelhantes à muralha, denotando contemporaneidade. Outros muros de reforço, claramente posteriores quer pelo posicionamento estratigráfico quer pelo aparelho que apresentam, foram identificados neste local, orientando-se perpendicularmente à face da muralha.

As escavações realizadas na muralha indicaram a existência de duas fases construtivas. No lado Norte, perto do ponto onde a estrutura forma uma secção arredondada, identificou-se a muralha mais recente, com um aparelho bem cuidado, em fiadas de tendência horizontal, sobrepondo-se, parcialmente, à muralha mais antiga, construída com pedra sem vestígios de pico e disposição muito irregular. No lado Sul confirmou-se tal situação, através do reconhecimento do muro designado de Est. IV. Aqui, os muros das diferentes fases não aparecem sobrepostos mas sim paralelos, tendo o mais recente ocultado o mais antigo.

A face interna da muralha, identificada tanto no sector norte como no sul, apresenta inclinação e revela construção maioritariamente em granito, com pedras com forma, dimensão e talhe irregulares, parecendo que a maioria das pedras sofreu afeiçoamento superficial, reconhecendo-se a tendência pela uniformidade nas fiadas.

- “Corredor” Sul

As escavações realizadas no enchimento da muralha, no lado Sul, abrangendo uma

área de cerca de 50m², permitiram a identificação de um corredor de acesso ao interior do povoado, acesso esse condenado com o entulhamento com pedras e terra, e fecho das entradas com o paramento da muralha atualmente visível.

O corredor, composto por dois muros, paralelos, com inclinação que varia entre os 6° e os 14°, desenvolve-se perpendicular à muralha, com a qual faz um ângulo de aproximadamente 90°. Construído, maioritariamente em granito, com pedras sem vestígio de utilização de pico dispostas irregularmente e sem qualquer argamassa, possui cerca de 3.30m de largura, 7,45m de comprimento e 2,50m de altura máxima. A escavação deste corredor, ainda não concluída, revelou exclusivamente materiais cerâmicos e metálicos da Idade do Ferro, assim como muitos exemplares de osso atualmente em estudo.

A fechar o corredor, do lado nascente, encontrou-se um pequeno muro que corresponde à face interna da muralha, muro que serviu, também, de paramento de uma estrutura, de planta tendencialmente circular, que se lhe adossou, tendo no seu interior uma lareira. A sondagem realizada neste sector (S10) mostrou uma estratigrafia complexa, com 18 UE's, dois níveis de ocupação e de abandono e vários níveis de derrube e de entulhamento. O espólio correlacionável com esta estrutura circular, regista quase dois milhares de fragmentos, correspondendo mais de 80% a materiais de cobertura ou a grandes recipientes de contenção, cerâmicas que nos remetem para um período tardio, dentro da romanização, em consonância com alguns fragmentos de *terra sigillata* e de imitação, também aqui encontrados.



Fig. 9- Muro norte do corredor de passagem

Fig. 10- Alicerce da

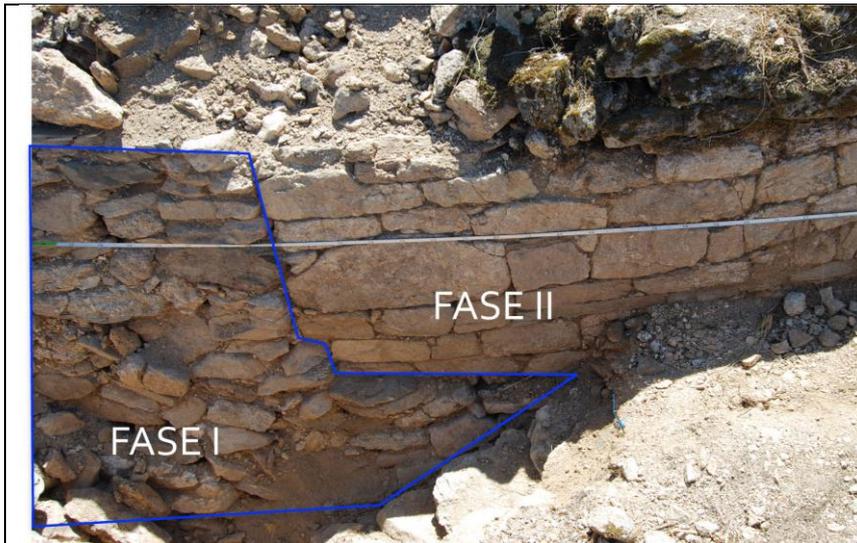


Fig. 11- Ponto de interseção da muralha recente com a mais antiga



Fig.12- Muro de contrafortagem



Fig. 13-Muralha norte



Fig.14- Face interna da muralha

- Torreão

O torreão, bem perceptível na topografia do terreno, sugeria um perímetro circular, facto que as escavações só confirmaram parcialmente. Partindo da muralha, no lado norte, onde desenvolve um alinhamento rectilíneo para poente, com cerca de 15m, inflecte seguidamente para Sul e, posteriormente para nascente, não tendo ainda sido clarificada a ligação com a muralha sul. Enquanto o paramento rectilíneo apresenta

uma sucessão de muros que no conjunto ultrapassam os 6m de altura (Fig. 15), no lado poente e sul, os muros foram apeados, restando praticamente a fiada do alicerce.



Fig. 15- Muros de contenção e torre angular



Fig. 16- Vão condensado, entre a muralha e a torre

A pressão provocada pelo peso da grande massa construtiva, que caracteriza o torreão, terá sido descarregada num muro de contrafortagem, de contorno semi-circular, que acompanha em parte aquela estrutura. O troço bem conservado, com orientação E-O, possui 6,65m de comprimento por 2,35m de altura. Com um só paramento voltado a Norte e uma inclinação de 12° , é composto por pedras de granito, xisto e quartzo com forma, dimensão e talhe irregulares, sem qualquer vestígio de afeiçoamento. Evidencia alguma uniformidade nas fiadas horizontais, com pequenas juntas entre elas, o que o diferencia das outras estruturas em alvenaria irregular, conferindo-lhe mais resistência e robustez. Uma sondagem implantada no paramento voltado a Sul (S9), mostrou a junção deste muro de contenção com o torreão e a sua parcial destruição pela feitura de um muro de socalco, em época contemporânea. Ainda no lado norte é visível outro possante muro, rectilíneo, com 7,35m de comprimento e 2,20m de altura máxima, possuindo um único paramento voltado a Norte com uma inclinação de 9° , construído encostado ao torreão entre a muralha e o muro antes referido, sendo notória a diacronia entre as diversas construções. Quer um quer o outro muro de contenção descritos assentam sobre um outro muro de apoio, criando estruturas escalonadas que, além da função de reforço, parece terem tido um papel ativo no acesso ao interior do povoado, pelo menos num determinado momento da sua vida. Tal presunção baseia-se na sua forma rampeada, na largura que apresentam e num vão que existe entre a muralha norte e o cunhal O-S, em ângulo de 90° , de uma torre que coroa todo o conjunto, sobrepondo-se ao torreão ovalado. A

escavação neste local mostrou a condenação deste vão (Fig. 16), em momento que não conseguimos para já determinar, dada a grande perturbação provocada pelos caçadores de tesouros e sacadores de pedra e devido à raridade e mistura de espólio, nos níveis arqueológicos identificados. Nota-se, no entanto, pelos aparelhos dos paramentos postos a descoberto nas sondagens 5 e 11 que aqui ocorreram remodelações e reconstruções, decerto já num momento histórico avançado, talvez medieval e/ou moderno, dada a má construção da estrutura, particularmente visível no paramento voltado a NE. Na verdade, este muro, por motivos operativos designado Estrutura VII, é formado por um aparelho pouco homogéneo, constituído por fiadas de pedras rectangulares e sub-rectangulares, dispostas em fiadas mais ou menos horizontais contrastando com pedras com forma, dimensão e talhe muito irregulares assentadas de forma pouco organizada. Com 3,30m de comprimento por 2,15m de altura máxima, e uma inclinação de 13º, integra vários blocos de quartzo, além do granito e xisto, na sua grande maioria com ausência de talhe na face exterior, se bem que alguns elementos graníticos possam ter recebido algum afeiçoamento superficial. O tamanho dos interstícios também é variável, sendo mais estreitos nas zonas onde o aparelho é regular e mais largos onde o aparelho é mais irregular, no entanto em ambos os casos as juntas são colmatadas com elementos pétreos de pequenas dimensões. É esta falta de homogeneidade no aparelho, em nítido contraste com outros paramentos do edificado, que atesta a existência de reconstruções aqui efectuadas.

O revolvimento estratigráfico deste sector, materializado na mistura dos escassos materiais exumados, é um sério problema para a afinação cronológica das remodelações que os paramentos indiciam. Com efeito, na S5 encontrámos associados materiais cerâmicos da Idade do Ferro, com outros de filiação medieval e, ainda, uma moeda “Blanca dos Reis Católicos”, cujo período de cunhagem ultrapassou o reinado de Isabel e Fernando, tendo-se mantido durante os reinados de Carlos V e Filipe II, até 1566. É portanto de admitir que este local e as suas estruturas possam ter sido usadas durante a Guerra da Restauração (1640-1668), tanto mais que sabemos que no sítio de Vale das Eiras, em Ventuzelo, foi explorado chumbo para as munições pelos soldados ao serviço de D. João IV e seu filho D. Afonso VI (SILVA 1817, 81).

- Plataforma interior

As sondagens 6, 7 e 8, foram abertas na plataforma interior ao sistema defensivo, numa zona aplanada delimitada pela muralha e pelas escarpas da arriba. Apenas a 7 e a 8 revelaram níveis de ocupação. Na primeira identificou-se um nível de ocupação (UE15), com espólio atribuível à Idade do Ferro composto por 2 cavilhas em ferro, seixos do rio, uma conta de pasta vítrea, azul e 4 dezenas de fragmentos de cerâmica com pastas micáceas e superfícies com alisamento fruste, de cor castanha escura, reconhecendo-se três fragmentos com fuligem, pertencentes à forma pote, com dois bordos em aba soerguida e um em aba horizontal, com lábio em bisel ou boleado.

Na sondagem 8, com uma estratigrafia mais complexa e de maior potência, identificaram-se 11 UE's, correspondendo a UE29 a uma ocupação materializada num pavimento, já bastante degradado, mas ainda com alguns fragmentos de argila compactada e a UE19 ao nível de abandono dessa ocupação. O espólio recolhido nestes níveis integra um fragmento de dormente de mó de sela, uma pequena chapa em bronze, três fragmentos de escória de ferro¹² e duas centenas de fragmentos de cerâmica de cronologia romana (material de construção, cerâmica comum, terra *sigillata* e cinzenta fina) e da Idade do Ferro (cerâmicas de feitura manual, com pastas micáceas, cores escuras e alisamento fruste). Nos níveis superiores pontuam materiais cerâmicos de época romana e medieval, sendo identificados grandes recipientes de contenção e um fragmento de asa com estrias profundas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sondagens realizadas no Castelo dos Mouros, desde 2011, permitiram comprovar que o programa construtivo, apesar da sua aparente uniformidade, não é um edificado sincrónico. O conjunto de estruturas pétreas posto a descoberto e a análise cuidada dos seus alçados levou à identificação de diversas e significativas alterações arquitectónicas, testemunhando uma sucessiva adaptação do sítio às exigências de organização dos espaços, determinadas pelos condicionalismos das

¹² As análises da composição das três amostras confirmou tratar-se de escórias de ferro, tendo os resultados sido os seguintes: Fe₂O₃ – 53,6%, 76,4% e 62,3%; SiO₂ - 23,5%, 9,62% e 17,2%; Al₂O₃ - 16,9%, 7,79% e 13,2%, respectivamente.

diferentes épocas que decorrem desde a Idade do Ferro até à Idade Média e, eventualmente, à Idade Moderna.

A escavação do sector sul revelou um vão de passagem, entulhado e “mascarado” pelo paramento da muralha atualmente visível e, no sector norte, foram detectadas grandes reformulações do espaço e mexidas significativas no torreão e na muralha da Idade do Ferro, colocando-se a hipótese destas operações estarem relacionadas com a edificação de uma torre medieval, de planta sub-quadrangular, contrafortada por diversos muros.

Embora estas campanhas de escavações tenham sido bastante produtivas, a clarificação das várias fases construtivas carece, todavia, de bastantes mais dados, particularmente os que possam surgir no registo arqueológico, fornecendo níveis seguros de ocupação, permitindo estabelecer a crono-estratigrafia do edificado e da ocupação do sítio. Estes dados só poderão surgir com recurso a novas escavações, esperando-se que as próximas campanhas possam vir a colmatar as lacunas do conhecimento que persistem neste momento.

6. BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALVES, Francisco Manuel (1934). Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Tomo IX, Bragança, p. 666.
- ALVES, Francisco Manuel (1938). Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Tomo X, Bragança, p. 292-293.
- DINIS, António Pereira (2011). *Estudo e valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal), Relatório de Progresso 2011*, IGESPAR, Lisboa (policopiado).
- DINIS, António Pereira (2012). *Estudo e valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal), Relatório de Progresso 2012*, DRCN, Porto (policopiado).
- DINIS, António Pereira; GONÇALVES, Emanuel C. (no prelo). O Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Bragança): Objectivos e resultados dos trabalhos realizados em 2011 e 2012, Atas das II Jornadas de Jovens Investigadores do vale do Douro, Leon, 2012.

- ESPARZA ARROYO, A. (1987). Los castros de la Edad del Hierro del noroeste de Zamora, Zamora, Instituto de Estudios Zamoranos.
- LEMOS, Francisco de Sande (1993). *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- MARCOS, Domingos (1981-82). *Inventário Arqueológico do Planalto Mirandês* (dactilografado).
- PERAFITA, Alexandre (2006). *A Mitologia dos Mouros: Lendas, Mitos, Serpentes, Tesouros*, Vila Nova de Gaia.
- REDENTOR, Armando (2003). Pedras fincadas em Trás-os-Montes (Portugal), Atas de la Reunió Internacional *Chevaux-de-frise i fortificació en la primera edat del ferro europea*, Universitat de Lleida, pp. 135-154.
- SANCHES, Maria de Jesus (1992). *Pré-história Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monografias Arqueológicas 3, GEAP, Porto.
- SILVA, José Bonifácio de Andrade e (1817). Memória sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chacim, Souto, Ventozello e Villar de Rey na Provincia de Tras os Montes, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, pp. 77-91.

LEGENDA DAS FIGURAS

- Fig. 1– Localização da estação na P. Ibérica e no Norte de Portugal
- Fig. 2– Vista da escarpa do Castelo dos Mouros (Foto tomada do rio Douro)
- Fig. 3– Localização do Castelo dos Mouros na CMP, 1:25.000, fl. 120
- Fig. 4– Planta topográfica com implantação do sistema defensivo
- Fig. 5– O Castelo dos Mouros vendo-se, em primeiro plano, o campo de pedras fincadas e no topo o torreão
- Fig. 6– Muro de época contemporânea levantado no interior do castro
- Fig. 7- Registo fotogramétrico do Muro 7
- Fig. 8– Plano geral das sondagens arqueológicas realizadas
- Fig. 9- Muro norte do corredor de passagem
- Fig. 10- Alicerce da muralha
- Fig. 11– Ponto de interseção da muralha recente com a mais antiga
- Fig. 12- Muro de contrafortagem
- Fig. 13–Muralha norte

Fig. 14- Face interna da muralha

Fig. 15- Muros de contenção e muro angular

Fig. 16- Vão condensado, entre a muralha e a torre